

A BORBOLETA

OS CRANEOS DE CANSTADT E CRO-MAGNON

Meu Dias Freitas.—Na minha carta anterior, que publicou no n.º 4 da *Borboleta*, fallava-lhe dos craneos de Canstadt e Cro-Magnon.

Como nem todos os seus leitores poderão apreciar convenientemente a referencia; illucidal-a-ei por agora um pouco, visto não ter tido oportunidade para isso na occasião passada.

Da-se o nome de craneos de Cro-Magnon, aos exhumados por Christy e Lartet, anthropologistas memoraveis, na gruta de Cro-Magnon em Périgord:—antiga provincia de França, de que se formára depois a totalidade do departamento de Dordogne.

Com estes restos paleontologicos, elevados pelos auctores da obra *Crania ethnica* a typo de raça, correlacionam elles os craneos de Bruniquel, Grenelle, Laugerie-Basse, Montrejean, e Solutré, com os da caverna da Mulher em Alhama de Granada, e da casa da Moira na gruta de Cesareda em nosso paiz.

São *Quatrefages* e *Hamy* os auctores d'essa obra importante, uma das mais memoraveis da craniologia scientifica applicada á ethnogenia:—sciencia que tem uma historia brilhante desde 1844, em que *Lucas* dera á luz a sua obra classica *Zur organischen Formenlehre*, e a que depois se foram succedendo as obras importantes *Crania americana*, *Crania aegyptiaca*, *Crania helvetica*, *Crania germanica*, e *Crania britanica*:—rematando-as *Baer*, com novos horisontes, na sua obra importantissima *Crania selecta thesauris anthropologicis*.

Com os craneos de Canstadt, anteriores aos de Cro-Magnon, correlacionam os anthropologistas os craneos exhumados em Brüx, Denise, Eguisheim, e Neanderthal, alem dos da pedreira de Forbes em Gibraltar, e alguns ainda do Cabeço da Arruda e da gruta de Cesareda em nosso paiz.

Os anthropologistas olham a estes *fosséis* de Cro-Magnon, em relação aos de Canstadt, como se foram craneos d'uma raça d'hontem—a *erectora* talvez dos monumentos megalithicos mais archaicos, denominados *cyclópeos* na phraseologia usual.

Canstadt—e n'alguns geographos Cannstadt ainda—fica no Wurtemberg, no cir-

culo de Necker, e na margem direita do rio d'este nome—a uma legua ao nordeste de Stuttgart.

Aos craneos de Canstadt e Cro-Magnon—typos de raças *dolicocéphalas*—succedem-se os dos typos de raças *brachycéphalas*, agremiados em 4 grupos especiaes:

Craneos de Grenelle, com os analogos da Allemanha, Dinamarca, Inglaterra, e Suecia;

Craneos de Furfooz, com os de Bailargues e Lombrives;

Craneos de Furfooz, com os d'Aldene e Moulin-Quignon;

Craneos de Truchere.

Comprehendem-se n'estes 6 typos as raças prehistoricas da Europa, conforme a classificação respectiva de *Quatrefages* e *Hamy*.

Ao termo *dolicocéphalos*, alliguem os seus leitores a idea de *craneos alongados*; e ao termo *brachycéphalos*, a de *craneos arredondados*.—Terão assim, no seu character essencial, a noção craniometrica de *Retzius*, na sua obra classica *Ethnologische scriften*.

Com o termo *mesaticéphalos*, ter-se-ha a noção craniometrica de *Broca*, attinente aos craneos *médios* entre os *compridos* e os *redondos*.

Meu Dias Freitas.—Seria de mais por hoje esta *dose craniologica*—de que o tenho occupado—se a mais a alongasse n'esta carta

o seu antigo mestre

PEREIRA-CALDAS.

O VEZUVIO E O ADRIATICO

E' noite; um astro só não luz no espaço!
Em vellos de fumo se encapota
Flamivomo volcão, golfando lava
Das horrificas, torridas intranhas.
E' do Vezuvio o arido colosso,
Cometa enorme a desenhar-se ao longe
Nas campinas do ceu. De espesso fumo
Ondea-lhe na frente amplo penacho.
Em vomito sulphureo alaga os campos,
E as circumstantes, pavidas aldeias!
Do semiroto seio desentranha-se-lhe
Relampago sanguineo, que das trevas
Rasga o sem fundo, enorme reposteiro.
Rubida aponta Napoles... ingole-a
De novo o boqueirão da umbrosa noite!!

Abobada de cinza ageita um elmo
 Alvacento na fronte do Vezuvio,
 E nos labios da lobrega cratera
 Falla trovão medonho o idioma tetrico
 Dos profundos, inhospitos abysmos!...
 O Adriatico ao longe em 'spuma esbroa-se
 E na vertigem doida, á penha immobil
 Enroscando-se, vae dos ceus o flanco
 Immenso fustigar co' a cauda ingente.
 Como um côro de doidas carpideiras,
 Raivosos a ulular desencadeiam-se
 Truculentos tufões, que a baze minam
 Aos espumosos, murmurantes mares.

O Vezuvio, e o Adriatico em seus postos
 Face a face entreolham-se sinistros!...
 —Dois abysmos, que as fauces escancaram
 Medonhos duplicando o horror da noite!!
 Este chammas vomita, aquelle vagas.
 Um mostra do diluvio a face horrivel;
 O outro aponta do inferno a ardente fragoa.
 Um cidades engole, armadas o outro;
 E ambos cuspindo rabidos a morte
 Metem hombros com sofregos impulsos
 Aos medonhos portões da eternidade.

Vianna—1877

B. WERNÉCK

UMA ESCULTORA INSIGNE

Não será de certo desacceita das leitoras da *Borboleta*, a noticia que passo a dar-lhes de *uma esculptora insigne*, sobeja de per si para dar honra e gloria a esta cidade do rio Douro.

D. Maria Margarida Ferreira Borges, irman do grande juriscousulto José Ferreira Borges, nasceu na cidade do Porto aos 5 de junho de 1790, e foi baptisada na parochia da Victoria.

Sem nunca se dar ao estudo do desenho, teve contudo para elle uma vocação especial. E durante o assedio memoravel d'esta sua patria, e meu berço natalicio tambem, começou a dar-se com assiduidade a esta distração amena, embora pouco propria da quadra da guerra e da fome, visitada com os horrores da peste por mais d'uma vez.

Em 1836, por occasião de vêr um esculptor visinho modelar em barro, pediulhe os fragmentos da argilla que lhe sobravam da obra, e começou a modelar tambem.

Faz então com os dentes d'um pente, sem nenhum outro instrumento, o busto

de sua cunhada D. Bernarda Candida Ferreira Borges. E sahiu-lhe de tanta perfeição esta obra, que ficaram surpresos ao vê-la alguns artistas, chamados com o fim de a examinar estheticamente.

Animada com esta tentativa feliz, e movida das instancias de seu extremoso irmão, emprehendeu a modelação do busto do duque de Bragança D. Pedro IV, trabalhado em face dos melhores retratos d'esse principe inolvidavel. A execução d'esta obra, ainda agora admirada, excedeu quanto se esperava de artistas eximios do Porto.

Com o andar dos annos, deu-se a outros trabalhos analogos; e conseguiu com elles um renome fulgido; de que nunca se apagarão os brilhos até á consummação dos seculos.

Lembrarei apenas os bustos de suas duas primas, D. Margarida de Moura Miranda e D. Joaquina de Moura Velloso, com o do Dr. Custodio Luiz de Miranda, e o do Dr. José Ferreira Borges, irmão extremoso a que ella muito amava; e pessoa é finada a que eu sagrarei sempre a saudade mais viva, como companheiro d'emigração de parentes meus na cidade de Londres desde 1828 a 1834.

Ha muito que não tenho podido significar aos amaveis collaboradores da *Borboleta*, que eu não posso nem devo esquecer-os, embora os trabalhos domesticos privem ás vezes de poder escrever-lhes

UMA PORTUENSE IGNOTA.

Porto.

SOBRE UM TUMULO

A luz do sol nascente
 Como uns dedos de fada, a pouco desenrola
 D'aquella rosa branca a virginal corolla.

E o calice da rosa abrirea docemente
 Aos raios do meio-dia.

Quando o sol s'escondeu, a pobre flor mimosa
 Sobre a terra sem luz o calice pendia...

Tam curta foi a vida á desgraçada rosa!

Vi-te, creança, vi. Nos olhos de velludo
 Eu pude ler, assim como n'um livro aberto,

Os teus desejos, tudo
 O que ha n'um coração de vago, infinito, incerto

E o lírio da tua alma á luz do amor se abria,
Como a rosa, beijando-a os raios do meio-dia!

A' noite, adormecida em seu nevado leito
—Criança no seu berço, ou pomba no seu ninho—
A morte arrefeceu-lhe o coração no peito...
E as palpebras cerrou a suspirar baixinho!

ALBERTO BRAGA,

O CAFÉ

(Conclusão)

Anathema, porém, ás misturas, que principalmente se fazem nas nossas provincias, em que se transtorna uma tão util e salutar bebida — n'uma outra pestilenta; quando o café, além de mal torrado, é misturado com a cevada, com o tremçoço, e com varias outras substancias, que estragam o paladar.

Tambem o estado da torrefacção do café é digno de attenção especial, e nem todos sabem fazer uma torrefacção perfeita.

Honra a Brillat-Savarin, o qual tornou pelo seu estudo o café uma tão aromatica bebida. E' necessario para fazer uma boa torrefacção seguir certas regras scientificas, bem como tambem para preparar a excellente infusão. A torrefacção faz inchar o tecido do grão de café, carameliza-o, desenvolve os oleos fixos e volateis em maior superficie, produz certas substancias pyrogenadas, fazendo-lhe perder 17 por 100 do seu pezo. E' precisa uma temperatura de 250 grãos para que o café adquira a côr alourada e propria.

Por fórma alguma se deixe chegar o café á carbonisação. N'estas circumstancias perde o seu sabôr e as suas qualidades alimentares. A economia e o bom gosto pedem-nos que preparemos bem este grão para sujeitar-se depois de moido á bella infusão, que tambem deve ser feita com todo o cuidado, empregando a agoa ebulliente e o café puro n'uma certa e determinada proporção.

Presentemente as machinas do café, e muito bem construidas, dão-nos depois do jantar um café puro e suave. Evitae que elle não seja feito com pouca cautella; procuraes sempre a bebida deliciosa, e não esta bebida d'um sabor empyreumatico, que indignaria Brillat-Savarin e aos gastrónomos, esta bebida que seria boa para

incommodar a garganta de um Cossáco.

Evitae, portanto, a sophisticação, e procuraes a pureza d'este producto. Quem ignora que todos os dias se prepara o café artificialmente, deitando-lhe argila habilmente corada, farinhas de milho, de centeio, de cevada, a chicorea, a serradura de acajú, o cinabrio, o figado de cavallo secco e pulverisado, a oca vermelha, etc. A hygiene pede vigilancia a este respeito. As fraudes são constantes; e o melhor é comprar o café em grão torrando-o em casa, e desconfiando sempre d'aquelle que se vende moido, não havendo por parte da auctoridade aquella fiscalisação, que o objecto requer.

Qual será o homem de letras, que não tenha bem experimentado em si mesmo os effeitos, que produz esta bebida? Parece-me que poucos.

E todos elles, como eu, terão reconhecido que elle, dá logo mais vida ao cerebro, aclarando mais as ideias, excitando mais a memoria, sendo, em uma palavra, a bebida intellectual por excellencia, na verdadeira acepção da palavra. O grande Balzac chegou a dizer que os idiotas eram mais loquazes, quando tomavam esta bebida.

Mas nós não cremos em tal; esta bebida por certo que pôde tornar mais claras as ideias, mas nunca dar espirito a quem o não tem.

Nem cremos nas ideias de Tissot e do pae da homeopathia, o grande Hahnemann, os quaes suppunham esta bebida a causa da decadencia do espirito.

Levanta em certas occasiões as forças intellectuaes, e é isto uma necessidade.

Se o cerebro se acha no estado de languidez, é necessario qualquer estimulo, que o desperte. Se este estimulo é inoportuno para as creanças, é util ás pessoas de idade, aos fleugmaticos, obesos que adormecem depois do jantar, e a quem o torpôr digestivo pode causar a apoplexia. Ha individuos a quem o café faz muito bem; outros a quem pôde prejudicar; n'este caso estão pessoas irritaveis, magras, nervosas.

Que grandes resultados se não tem tirado na Argelia do uso do café entre os soldados? Quanto conviria que se fosse já dando nas nossas colonias a ração do café aos pobres soldados, que ás vezes são victimas do clima por lhe faltar o preciso conforto, que pouco a pouco o nosso governo deve ir introduzindo entre elles com todo o cuidado?

Que o café é rico em azote, tudo devido ao alcaloide caffeinea, é o que ninguém pôde negar, e também que elle tomado moderadamente restaura as forças, e é um estimulante muito util em certos casos, activando a digestão estomacal, e augmentando a contractilidade intestinal, no dizer do illustre Fonsagrives.

Hoje vae sendo d'uso habitual o café com leite. E' para nós um bom almoço, quando nem uma, nem outra bebida são sophisticadas. Sendo os dois factôres excellentes, não pôde deixar de existir uma bebida saborosa e muito reparadora. E nós recommendamos muito este almoço, principalmente ás senhoras, mas tendo em vista que o leite não se coagule, e tudo isto devido ás sophisticacões, que devem sempre evitar-se.

Não nos importa que haja quem grite contra o uso do café.

Meus caros leitores, não deixeis de tomal-o com parcimonia, maxime depois de jantar, e vereis que bom fructo tirareis do seu moderado uso. Também muito convém que os homens de letras, nas horas em que estudam e se applicam, muito usem delle. O grande Voltaire, que tomava muito café, sempre usava de uma ligeira infusão para evitar qualquer doença, que o café muito forte podia occasionar.

E nós todos, se queremos um trabalho intellectual seguro e não uma fecundidade intellectual valetudinaria, devemos abster-nos do seu abuso. Por esta fórma todos podem usar da deliciosa bebida, e que hoje tanto está em voga em varios paizes.

Anathema a todos aquelles que fazem guerra ao café.

Lisboa.

DR. LINO DE MACEDO.

A VICENTE PINDELLA

(SONETO)

A noite já vae alta. A' luz vellada
Dos raios de um luar silencioso,
Velho castello avulta magestoso,
—Dos nobres condes a feudal morada.

Nem um leve rumôr. Só na esplanada
Da sentinella o passo descuidoso,
E o brando ciciar harmonioso
Do vento no arvorêdo da tapada.

Mas o silencio quebra-se, e um gemido,
Um canto apaixonado e dolorido
Desprende a voz de alguém que a sombra
esconde.

Tão alto ergueste o olhar, doida creança!...
Ai foge, menestrel, perde a esperança...
—Que o não sonhe sequer o nobre conde!...

Lisboa.

VICENTE NOVAES.

D. JOÃO II

Romance historico da seculo XV

I

Os futuros heroes da India

A 28 de agosto de 1481 expirava nos reaes paços de Cintra o vencedor d'Arzila, o rei cavalleiro D. Affonso V de Portugal.

Principe dedicado ás sciencias, elle proprio soube honrar a purpura pelo saber; mas, dotado de um genio altamente liberal, toda a sua vida levou a honrar a nobresa, concedendo-lhe mercês, honras e privilegios, que a tornaram activa e orgulhosa, com grande escandalo dos povos, que pelas liberalidades do seu rei soffriam dos fidalgos os maiores vexames.

Os rendimentos do Estado eram insufficientes para as despezas enormes que o soberano fazia, e se em uma hora de reflexão, ou escutando as queixas justas dos procuradores dos povos promettia emendar-se, esquecia-se em breve do promettimento e voltava a ser o mesmo, porque a indole prodiga de Affonso V não lhe consentia, como modernamente se diz, fazer economias na despeza do Estado.

E disto proveio não ser muito sentida pelos povos a morte d'este soberano, não porque não tivesse sido um homem de bem e de um coração generoso, mas sim pelas suas liberalidades que os obrigava a soffrer os tributos mais pesados, que até então se tinham visto.

Seu filho e successor o principe D. João, não só desapprovava os actos desperdigadores de seu pae, mas tinha jurado que quando subisse ao trono havia de cortar a altivez dos grandes, que, fiados na protecção de el-rei, haviam faltado por vezes ao respeito áquelle que um dia cingiria em sua cabeça a coroa de Portugal.

A elevação de D. João II ao solio por-

tuguez foi saudada pelo povo com entusiasmo, porque elle bem sabia que tinha no novo soberano um desvelado protector.

Pela sua parte a nobresa, confiando no seu immenso poderio, esperava os actos de el-rei, e dispunha-se a entrar com elle em lucta, se tentasse cortar-lhe os privilegios que gosava.

Tres dias depois do fallecimento de D. Affonso V, foi solememente aclamado o principe D. João, vindo a nobresa prestar-lhe homenagem de fidelidade.

Eram passados alguns dias depois da sua aclamação, e já elle tinha ordenado que se reunissem as côrtes em Évora, quando em uma esplendida noite do mez de setembro, na sala chamada dos Cysnes dos paços de Cintra se achava reunida a corte portugueza.

Sentado em rica poltrona e encostando o braço esquerdo em uma larga meza coberta por um panno de velludo franjado de ouro, estava um homem de vinte e seis annos de idade, porte elevado, rosto corado e comprido, nariz um tanto eminente, povoando-lhe a frente vasta cabellos castanhos. Seu olhar firme e penetrante, parecia querer perscrutar os segredos mais intimos d'aquelles que o cercavam.

Este homem era sua alteza real o snr. D. João II, o novo soberano de Portugal.

Trajava gibão de velludo preto, pendendo-lhe do peito, preso por um rico collar esmaltado de pedras preciosas, o vellucino d'ouro, symbolo da realleza.

Do outro lado da meza sentava-se a rainha D. Leonor, senhora dotada de peregrina formosura e das mais elevadas virtudes christãs. Tinha então vinte e tres annos. Lia attentamente um livro de versos, e só d'elle levantava a cabeça para olhar com ternura o marido, ou para ler ás damas que a cercavam algumas das estrophes que mais lhe agradavam.

De pé, e por detraz da cadeira d'el-rei, fazendo girar uma esphera armilar que assentava na meza, estava o joven poeta Garcia de Resende, seu secretario particular e seu futuro chronista.

Sentados em tamborettes razos, ou em grupos conversando animadamente, estão bastantes fidalgos, e entre elles os futuros heroes da India, que por suas acções immortalisaram seus nomes e fizeram de Portugal a primeira nação maritima da Europa.

(Continuad)

J. E. SOARES ROMEO JUNIOR.

A SONHAR

Era noite clara e meiga,
Toda silencio, e eu sonhava
Que, no teu regaço a fronte,
O ceu azul contemplava.

Cingia a face dos astros
De nevoas um tenue manto,
Filtrando a luz crystalina
Como coada por pranto.

E eu disse compadecido:
«Por quem choraes, ó estrellas?!»
As outras ficaram mudas,
Mas respondeu uma d'ellas:

—«Por duas irmãs!... As loucas
Trocaram nossa morada
Pela terra, e agora brilham
Nos olhos da tua amada.»—

Barca.

ALBERTO CRUZ.

RELIGIÃO E LIBERDADE

(Conclusão)

A moral do christianismo, ao erguer o homem do chão do aviltamento, ao sarar-lhe as profundas chagas que lhe abrija o paganismo, deu-lhe, como necessidade imperiosa, a aspiração pelo bello; abriu-lhe diante de si os horisontes do infinito, e desenrolou-lhe o vasto quadro da vida universal, onde cada ser diz: —liberdade— E o christianismo é a liberdade pura: o Martyr do Calvario, ao soltar no madeiro o suspiro ultimo, deixou escapar-se-lhe dos labios um hymno á liberdade; não morria elle para libertar o escravo, para dar a carta d'alforria á humanidade presa nos carceres da barbaria?

A religião é companheira inseparavel da liberdade: ellas de per si constituem a essencia das sociedades ligadas pelos vinculos da fraternidade e do amor.

As seitas e escholas que tudo pretendem demonstrar, não sei se para mais depressa tudo perverterem, avançam que a liberdade não se póde alliar á religião; porque sendo aquella a livre expansão do sentimento e um acto importante de dignidade, esta é a intolerancia e a humilhação, a morte da intelligencia e o verdugo da consciencia.

Para se refutar esta preposição não

necessario ler-se a «Defeza do Christianismo» nem a «Sociedade e a Igreja»; enuncial-a, é destruil-a.

A religião e a liberdade completam um todo que não é possível dividir; uma vive na outra, e ambas se abraçam e harmonizam perfeitamente. Ideias homogêneas, unidas, necessárias, nada ha que as separe, por que destruir uma era destruir a outra.

Se a liberdade é a expressão absoluta da faculdade de querer ou não querer, a religião, completa essa faculdade, pois diz ao homem o que deve querer, e o que lhe convem regeitar; se a liberdade diz ao homem—progride,—a religião diz—santifica-te,—se a liberdade eleva o individuo, a religião é o pedestal em que elle se levanta, e nada ha mais seguro e permanente do que aquillo que a religião protege.

A religião é o laço indissolúvel que prende a humanidade; a liberdade o fecho d'esse laço.

Profundamente respeitadores das verdades eternas de Nazareno, somos respeitadores da religião que Elle deixou, como reflexo da vida que promette aos justos; amantes e idolatras da liberdade, reverenciamos do fundo d'alma esta ideia sacrosanta que é tambem para nós uma religião.

O fanatismo mata e embrutece; a exageração prejudica e destroe; queremos pois, tudo no logar que lhe compete e lhe é devido.

O seculo actual, a philosophia d'esta nova idade, que muitos proclamam sediciosa, não é como avançam muitos. Ella quer a liberdade do pensamento, mas sem destruir as crenças puras; detesta e amaldiçoa os excessos dos que trazem á flor dos labios o nome santificado de Deus; mas sem insultar as convicções sinceras. O seculo 19 não é impio e blasphemo, como proclamam umas escholas retrogradadas, sem luz, nem criterio; elle quer a religião, mas ao pé a critica; quer o Evangelho aberto, mas junto d'elle a liberdade; e deseja ver abraçadas estas duas ideias —religião e liberdade, porque só ellas são capazes de levantar o espirito e dar ao homem o foral da sua soberania.

A religião e a liberdade são, pois, livres de toda a questão, complementares uma da outra; e a humanidade entrará nos dominios da civilisação e na arena das luctas gloriosas, quando se compenetrar da alta importancia d'estas duas grandes ideias,

que são o emporio da felicidade e a metropole da civilisação —Religião e Liberdade.—

Porto.

FIRMINO PEREIRA.

QUANDO PASSAVA...

Eu quando a vi de branco, amortalhada,
A caminho da fria sepultura,
Envolta em vestes d'impolluta alvura,
Lívida, morta, immovel, socegada;

Extincta a luz dos olhos, apagada
A meiga voz, a voz toda ternura,
Contraído o sorriso de ventura;
Estendida em setim de cór nevada;

Não sei que sensações, nem que tormento,
Que mar de magoas me cubriu a véla
Do barco da existencia, em tal momento!

Chorar não pude, nem chamar por ella!
Quiz arrancar-a á morte—louco intento!
—Pomba!.. voára a região mais bella.

1877.

CHARLES PRATIER.

EMMELINA

(Versão de Alfredo de Musset)

(Continuação)

Como tinha assignatura na opera, e havia dado a duas ou tres comparsas cem escudos por mez, o senhor de Sargues julgava-se um homem bafejado pelas auras da fortuna, e obrigado a sustentar o seu papel. Ao jantar, quiz saber até que ponto captivára a senhora de Marsan, e apertou-lhe fortemente a mão. Ella estremeceu toda, tam nova fôra a impressão; não era mister tanto para tornar um fatuo ébrio d'orgulho.

A tia decidiu, durante um mez, que o senhor de Sargues era o adorador; era o assumpto inexhaurível de inépcias e de palavras amphibologicas, que Emmelina a custo supportava, mas ás quaes a sua boa indole obrigava a dobrar-se. Dizer porque motivos a velha marquezia achava o adorador amavel, e porque outros motivos elle lhe agradava menos, era infeliz ou felizmente coisa impossivel de escrever e de adivinhar. Mas facilmente se pôde supportar o effeito que produziam em Emmelina si-

milhantes ideias, acompanhadas, bem entendido, de exemplos tirados da historia moderna e de todos os principios das pessoas bem educadas que namoram como os mestres de dança. Eu creio que é num livro tam perigoso como as ligações de que falla o seu titulo, que se encontra uma observação cuja profundeza não é assaz conhecida: «Nada corrompe mais depressa uma joven—diz o livro—do que a supposição de que estão corrompidos aquelles que ella deve respeitar.» Os colloquios da senhora d'Ennery despertavam em sua sobrinha um sentimento d'outra natureza.

—Que sou eu pois—dizia ella comsigo—o mundo é assim?

O pensamento de seu marido auzente atormentava-a; desejaría encontral-o junto de si, quando devaneava ao canto do fogão; poderia ao menos consultal-o, e perguntar-lhe a verdade; elle devia sabel-a, pois que era homem, e a condessa sentia que a verdade dita por aquella bocca não podia ser para temer.

Resolveu escrever ao senhor de Marsan, e queixar-se. A carta estava feita e lacrada, e dispunha-se a envia-la, quando, por uma extravagancia do seu character, a lançou no fogo rindo.

—Sou muito tola em me inquietar—disse ella com a sua jovialidade habitual.—Aquelle bello senhor não me causa medo com os seus galanteios!

O senhor de Sargues entrava n'este momento. Parecia que tomára resoluções extremas, porque fechou precipitadamente a porta, e, approximando-se de Emmelina sem lhe dizer palayra, agarrou-a, e abraçou-a.

Ella ficou muda d'espanto, e, por unica resposta, tocou a campainha. O senhor de Sargues, na qualidade de homem bafejado pela fortuna comprehendeu logo, e fugiu. Escreveu n'essa mesma noite uma extensa carta á condessa, e ninguem o tornou a ver no Moinho de May.

(Continua)

N. ALBERTO DE SOUSA.

DEIXA QUE O TEU OLHAR...

—E. G.—

Era de noute já; no céo azul lampeja
Uma constellação.

Ella entrava commigo a porta d'uma igreja,
Por entre a multidão!

Vestia airosamente um fato todo escuro;
Chapeo da mesma côr,
Que lhe encobria a fronte, o olhar suave e puro
D'archanjo scismador!

Era dia de festa; o templo magestoso,
Cheio d'incenso e luz;
Erguia-se no altar solemne, silencioso,
O santo Lenho, a cruz!

Lá dentro ajoelhei. Ella quasi a meu lado,
Ajoelhou tambem:
Todo um grupo d'irmãos orava contristado,
Olhando a Virgem-Mãe!

Uma nuvem d'incenso inda no ar pairava,
Em ondas sobre nós;
E o orgão gemedor, no entanto, solluçava
A sua triste voz!

Tocára o termo a festa, a festa esplendorosa;
Sahia tudo emfim.
Ao perpassar por mim ouvi-lhe a voz graciosa,
A voz d'um cherubim?

Encantou-me o seu traje, a elegancia, tudo
Quanto lhe vi e ouvi;
Seguia sempre atraz, a contemplal-a, mudo...
Até que lhe fugi!

Fugi-lhe; eu receiava estasiado, louco,
Dizer-lhe: «anjo de Deus,
Deixa que o teu olhar de luz me guié um pouco
No caminho dos céos!»

Lisboa.

FRANCISCO DE MENEZES.

EMILIA, A FIDALGUINHA

Romance original

CAPITULO II

Uma festa de familia

(Continuação)

O honrado fidalgo ao ver o quadro exclamou:

—Na verdade, está muito acima do que eu suppuz! Sim, senhor, desde já o felicito pelo seu muito aproveitamento e pela sua grande tendencia para este genero de pintura, que tem feito a gloria de muitos pai-

sagistas! Continue, continue, Angelo; e se os homens não souberem galardoar o seu muito talento, trabalhe e vingue-se!

Angelo estava meditativo.

—Em que pensa, senhor Angelo? perguntou Emilia, deixando transparecer no seu olhar uma parcella do sentimento que principiava a florir na sua alma purissima, innocente.

O talentoso artista despertou d'aquelle meditar, como que se uma musica suave e mysteriosa o fizesse passar do mundo dos sonhos para a realidade da vida, e exclamou meio embaraçado:

—Penso nos grandes beneficios que seu pae me tem dispensado sempre, minha boa menina!... Ah! perdão... minha senhora!... Quando nós corriamos atraz das borboletas confundidos no mesmo pensamento, quando as nossas almas, sorridentes como a natureza que a cada momento nos offerecia novos espectaculos, se identificavam pela mesma sympathia,—doce e terna sympathia que a idade foi destruindo, deixando-nos apenas uma vaga recordação d'esses tempos felizes, eu não sabia dar-lhe outro tratamento, mas agora, minha senhora...

Angelo ficou vivamente embaraçado; e depois continuou, passando repentinamente para outro assumpto.

—A gratidão tem-me sempre acompanhado nas diversas phases da minha vida, e nunca poderei olvidar a protecção que me tem dispensado! Se eu, um dia, conseguir conquistar um logar honroso na esphera das artes, do alto da minha posição hei-de sempre abençoar o braço que me arrancou do abismo da ignorancia, para me conduzir ás conquistas do trabalho.

—A gratidão é uma das qualidades que nobilitam! exclamou o fidalgo. Disse um philosopho da antiguidade, continuou elle, que «nada esquece mais do que um beneficio»: encontro certa verdade n'este pensamento de Aristoteles, porém ainda existem almas para quem a gratidão não é um mytho! Mas deixemos isso. Continue a trabalhar, Angelo; porque o trabalho é a chave d'ouro que lhe tem de abrir o paraizo do futuro, aurora que ha de dar-lhe ao coração—tranquilidade, á intelligencia—luz, e ao corpo—vigór; e a mais solida das felicidades consiste na saude, que é a vida do corpo, e na cultura do espirito, que é a vida da intelligencia. Vou fazer-lhe um pedido, Angelo!

—Mil, senhor fidalgo.

—Quero possuir este quadro.

—E eu é que me honro muito em lh'o offerecer, é a melhor prova que eu possuo para manifestar a minha gratidão, pois symbolisa todo o meu trabalho!

—Agora nada mais resta do que agradecer-lhe a mimosa offerta. E ao retirar-me, peço-lhe que não se esqueça de ir passear até ao Castello, porque lá encontrará bonitas paisagens. E' verdade, brevemente ha a festa do costume no Castello, e eu quero vel-a lá, tia Anna.

—Obrigada, senhor fidalgo, obrigada! Não sei como agradecer-lhe tantas coisas! exclamou a boa da velha, limpando duas grossas lagrimas que subiram da sua alma, para manifestarem d'esse modo o sentimento da gratidão.

—Vá, então é caso para chorar! disse Emilia s'aproximando-se d'ella e ameigando-a. Olhe que eu quero vel-a, assim como a seu filho, na festa que hade ter logar no Castello. Quero-lhes mostrar o manto que offereci á Senhora. Adeus, tia Anna. Adeus senhor... senhor artista.

Porto

SOUSA MOREIRA.

QUADROS

II

Hontem e hoje...

Ella era 'inda creança, e tinha o quer que fosse
Das virgens ideaes de Rubens, ou Murillo;
Su' alma de innocente amava tudo aquillo
Que excita o bom sonhar, dum somno ethéreo, dóce.

Um dia um Juan Tenorio a essa alma tão precóce
Levara as seducções d'um sensual estylo...
E desde então, d'Alice o puro olhar tranquillo,
Nas luctas da volupia immodica, finou-se!

Hoje n'um becco immundo, a sua fronte inclina
Aos beijos dos galãs, a nova Messalina,
Repleta de Mercurio e exanime e siphilitica;

Emquanto o Lovelace, o seductor das virgens,
Trocando pela tísica as lubrificas vertigens,
Ha muito no hospital a aguarda paralythica.

Porto.

TEIXEIRA DE CARVALHO

Livros pre-historicos

Na succursal da livraria Moré n'esta cidade ha uma collecção numerosa de livros pre-historicos.